

PIBID: PACTOS E IMPACTOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO DE LEITURA E LITERATURA

Resumo:

Este trabalho objetiva responder a seguinte questão: Quais as contribuições do PIBID para o ensino de literatura e a formação do professor? E mostrar o quão importante o programa é para o aperfeiçoamento teórico e prático do graduando. Partindo das experiências como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e enfocando uma intervenção didática sobre ensino de literatura, numa turma de 6º ano do ensino fundamental, com o gênero contos em sala de aula. Descrevemos o planejamento observado nos espaços formativos do PIBID e resultados da aplicação didática.

Palavras chaves: Formação de professor. Literatura. Leitura. Estratégias. Planejamento

PIBIB como espaço formativo para a docência

Iniciaremos essa discussão sobre a importância do programa de iniciação à docência PIBID fazendo uma citação de Jorge Larrosa Bondía que se encontra no artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiências” que diz o seguinte:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. [...] a informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. (2002. P, 21)

Um curso de licenciatura dura em média oito semestres (quatro anos). Durante esse tempo o aluno estuda, discute e teoriza sobre ensino, educação e sala de aula, porém o estudante só terá a oportunidade muitas vezes de viver a experiência de lecionar no fim do curso, mais ou menos no sétimo semestre. Esse convívio com o futuro ambiente de trabalho acontece no estágio supervisionado e pode-se se dizer que se dá um tanto quanto tarde na graduação. Como a citação nos informa o que vemos nos cursos de licenciatura é muita informação e pouca vivência daquilo que se teoriza. A experiência nos alimenta e se funda com a teoria de uma forma que traz um paralelo entre esta e aquela.

O PIBID vem com esse diferencial na vida do graduando justamente por permitir que esse momento de vivências aconteça mais cedo do que a academia oferece. O aprofundamento teórico também aparece com o intuito de preparar o discente para uma vida acadêmica mais recheada de oportunidades, tais como participação em eventos. O programa permite que a escola seja visualizada como um campo de pesquisa

onde o discente pode observar e experienciar aquilo que é debatido tanto nas aulas como nos espaços formativos.

Saberes disciplinares não são saberes profissionais. É necessário remeter aos conteúdos disciplinares a atuação do campo profissional, no caso das licenciaturas, o *habitus* da profissão professor. Na posição interacional de professor em formação, o Licenciando defronta-se com crenças, mitos, representações dos objetos culturais. Os construtos teórico – metodológicos apropriados pelos professores – formadores são igualmente frutos de concepções de ensino e movimentam-se no percurso das práticas discursivas que são (re)construídas por vivências já experienciadas e prospectivas sobre os contextos de aprendizagem. (Souza e Coelho, 2012. P,6)

Literatura, leitura e ensino

O ato de ler um texto não é apenas o de decodificar as palavras que ali estão. Ler é interpretar/entender aquilo que está escrito. Irandé Antunes irá dizer que “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na construção do sentido e das intenções.” (Aula de Português: encontro e interação, 2003. Pág. 66) Ou seja, a atividade da leitura é uma atividade de interação entre os sujeitos, leitor e autor, que irá supor bem mais do que a decodificação linguística.

Para se compreender melhor um texto faz-se necessário a utilização dos nossos conhecimentos de mundo, ou seja, um conhecimento prévio sobre o tema que se encontra no texto. Por exemplo, uma pessoa que não entende muita coisa de física ao se deparar com um texto sobre física quântica, provavelmente não entenderá nada, apesar de ter o conhecimento da língua. Isso é de suma importância para que o processo de construção de sentido aconteça. O professor deve estar atento para a quem são seus alunos e qual o nível de conhecimento de mundo que eles possuem. Se não, pode acontecer dele levar um texto que os alunos não tenham um conhecimento prévio sobre o tema e acabar por deixá-los desmotivados.

Segundo Luciano Amaral no livro “Coisas que todo professor de português precisa saber”, 2010, os tipos de conhecimentos prévios seriam: conhecimentos lingüísticos, conhecimentos enciclopédicos e conhecimentos textuais.

Os conhecimentos linguísticos seriam os semânticos, os sintáticos e os morfológicos, os fonológicos e os ortográficos; Os conhecimentos enciclopédicos seriam aqueles que possuímos a respeito do mundo (tantos gerais quanto específicos); Os conhecimentos textuais estão ligados aos conhecimentos linguísticos, são aqueles que possuímos acerca dos elementos de textualidade, dos tipos e gêneros textuais.

Amaral coloca que a falta do conhecimento linguístico é “a causa mais óbvia da impossibilidade de uma pessoa analfabeta ler um texto.” Porém uma pessoa que seja escolarizada e/ou leitora pode se deparar com textos que não irá compreender por se tratar de um texto destinado a uma área específica.

A forma como o aluno é apresentado para o mundo da leitura pode ser definitiva para a sua formação tanto acadêmica, como pessoa. Muitos alunos ou ex-alunos alegam não gostar e que quando lêem o faz porque foram ‘obrigados’ pela professora. É importante mostrar a turma que a leitura não precisa e não é algo doloroso, pesado. Mas sim algo que pode dar prazer e que pode ser feito com o intuito de divertimento.

Irândé apresenta três pontos onde a leitura pode favorecer o aluno, seriam eles:

-Ampliação dos repertórios de informação: pela leitura o aluno pode incorporar novas idéias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações sobre temas diversos.

- Experiência gratuita do prazer estético: ler pelo simples gosto de ler. Na fala de Antunes “para admirar. Para deleitar-se com as idéias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literariamente as coisas.” (2003.Pág. 71)

- Vocabulário: a atividade da leitura permite que se compreenda o que é típico da escrita.

Outro ponto que pode contar para trazer o aluno para o mundo da leitura é encontrar/indicar livros que sejam próximos a eles. Geralmente os livros indicados são aqueles que possuem uma linguagem muito distante da que é utilizada pelos jovens de hoje, e isso faz que a leitura fique ‘pesada’ para a o estudante que se depara, a todo o momento, com palavras e expressões desconhecidas. Transformar o aluno decifrador em leitor não é algo fácil, requer jogo de cintura e também requer que o professor esteja atualizado sobre o mundo dos garotos (coisa que já mencionei acima). Muito jovens lêem, porém alguns preferem os livros mais atuais e isso é uma vertente que o docente pode ser ‘agarrar’, para conseguir êxito quando for pedir a leitura de um livro para os estudantes.

Segundo Ivanda Maria Martins Silva:

As relações entre leitura e literatura nem sempre são analisadas, reavaliadas e praticadas como deveriam no contexto escolar. A leitura – como atividade atrelada à consciência crítica do mundo, do contexto histórico-social em que o aluno está inserido – ainda é uma prática que precisa ser mais efetivada no espaço escolar. (2003. P, 515)

Na escola, tanto a leitura como a literatura, sofrem por não serem bem apresentadas e bem trabalhadas em sala. A literatura, por exemplo, tem seu ensino pautado superficialmente. A mesma poderia acarretar boas e fortes discussões em sala, mas o que vemos são entregas de formulários com perguntinhas sobre: características dos personagens principais e secundários, nome do autor, espaço em que a história se desenrola. Essas questões não direcionam o olhar do aluno para uma análise sobre a realidade a sua volta e as informações encontradas no livro, mas sim, mostra ao mesmo que a literatura não dispõe de nada para contribuição em sua formação.

O aluno deveria ser orientado para compreender o papel estético da literatura, bem como a função social desta manifestação artística. Não encontrando uma relação direta entre o texto literário e o seu cotidiano, o aluno não percebe a literatura como espaço de construção de mundos possíveis que dialogam com a realidade. É fundamental que a escola aborde a função social da literatura como uma possibilidade de “ler o mundo”, contribuindo, assim, para a formação de leitores críticos, capazes de articular a leitura de mundo à leitura produzida em sala de aula. (Idem. 2003. P, 517)

A literatura, como arte, tem o papel de humanizar o aluno. Humanização seria o ato de civilizar e tornar humano o outro. No âmbito escolar isso se daria no processo de crescimento do aluno, fazendo com que este adquirisse senso crítico. Como se sabe a relevância da escola na vida do estudante vai além de aprendizado de conteúdos fechados em si. Esse estudante precisa ter o discernimento das coisas que o rodeia. A literatura tem esse poder nas mãos por que através dela o professor pode trabalhar com áreas diversificadas do conhecimento, tais como: filosofia, sociologia, política, desigualdade social, etc. Em muitos casos a mesma é somente vista como algo que serve, apenas, para entretenimento e não tem todos os seus “dotes” utilizados pelo professor em sala. Um livro, lido pela turma, pode acarretar um círculo de discussões muito ricas que, por sua vez, podem contribuir para a formação do adolescente. No artigo “*Ensino da literatura e a condição humana*” as autoras Jaquelânia Aristides Pereira e Maria Valdenia da Silva dirão que:

a literatura como uma das artes responsáveis pela formação não apenas de leitores, todavia, de seres conscientes de suas potencialidades humanísticas. (Pereira e Silva, 2010. P. 1)

A escola forma “letores” e não leitores. Os alunos relacionam a ato/hábito de ler com as tarefas escolares, sendo que, ao sair da escola o mesmo muitas vezes abandona o hábito da leitura. Isso acontece, como já disse, porque o ensino de literatura e a prática de leitura é feita de uma forma muito mecânica e pouco atraente para os alunos. A forma prazerosa que uma boa leitura pode proporcionar não é mostrada e o jovem acaba relacionando a leitura como algo “chato”, “obrigatório”, “sem importância”.

Ivanda, também em seu artigo, nos mostra questionamentos interessantíssimos sobre o ensino de literatura:

Como explorar nos limites estreitos das questões objetivas, impostas nos vestibulares, a plurissignificação do texto literário? Como exigir que o aluno leia as entrelinhas, estabeleça a relação entre texto-contexto e perceba a dimensão simbólica da literatura, se a metodologia usada no Ensino Médio volta-se para uma leitura do texto já instituída pela escola, pelo professor e pelos livros didáticos? (Idem, 2003. P, 522)

Infelizmente o que presenciamos em provas de concurso são interpretações engessadas sobre uma determinada obra literária. Para o vestibular, por exemplo, é cobrada a tal ‘intenção do autor’. Será que isso realmente procede? O que defendemos é um ensino literário pautado na plurissignificação. Ao ler uma determinada obra a interpretação do aluno diante da mesma acontece juntamente com a sua visão de mundo. Nada se constrói do nada. O que temos é uma teia de conhecimentos que é construída no decorrer de nossa existência e que tem como matéria prima para a sua criação a leitura.

Para finalizar transcrevo uma frase do artigo de Ivanda Maria

É preciso que o ensino de literatura busque meios de persuadir o aluno-leitor a encontrar, na leitura do texto literário, um espaço lúdico de reconstrução de sentidos, em que a imaginação do leitor é guiada pelos indícios textuais no ato dinâmico da leitura. (Idem. 2003. P, 525)

Intervenção no campo de pesquisa mediada pelo PIBID: planejamento e expectativas

Num primeiro momento os professores em formação foram à escola (campo de pesquisa) para observar a sala de aula e ver o desempenho dos alunos na mesma. Nesse período de observação o papel desempenhado foi mais passivo, de apenas conhecer e

sentir a escola. Esse início é/foi de extrema importância para os graduandos, já que muitos ainda não haviam visitado um colégio com esse novo olhar de pesquisador. A receptividade por partes dos alunos do colégio foi muito boa, no começo olhares curiosos depois houve mais entrosamento de ambas as partes. A professora responsável pela turma passou uma atividade para ser feita por eles, que seria a construção de uma pequena história baseada numa sequência de desenhos. Enquanto a maioria desenvolvia tal atividade foi perceptível que um aluno em especial não conseguiu realizar a atividade.

No segundo momento os acadêmicos pensaram e planejaram, em reunião com os professores de Português e Inglês, um momento de intervenção que aconteceria junta a Feira de Ciências, com o tema: “Os benefícios da leitura para a saúde”. O objetivo era mostrar aos alunos que a leitura além de trazer inúmeras informações, ampliar o vocabulário também contribuía para a saúde e bem estar do leitor.

Para dinamizar mais a estande de leitura foi elaborada um jogo no estilo “Soletrando”, onde o aluno ouvia uma palavra e tentava montá-la. Para instigar a participação do alunato quando a palavra era escrita de forma correta como prêmio o estudante ganhava uma bala. Com a finalidade de promover o hábito de leitura entre os estudantes participantes da Feira de Ciências foram utilizados alguns gêneros textuais, tais como: contos e tirinhas. Com os contos foi criado um varal, onde o aluno escolhia um e lia, para depois nos contar um pouco sobre a história. As tirinhas foram espalhadas em dois grandes cartazes, o processo de leitura era o mesmo utilizado nos contos.

Houve uma grande participação por parte dos estudantes. Alguns mostraram ter dificuldade na leitura, mas a grande maioria desenvolveu bem a leitura do conto/tirinha. O ponto alto de se trabalhar com contos, de mais ou menos uma página, é que isso serve para “chamar” o aluno para o mundo da leitura. Começando com textos menores para depois passar para textos maiores e, num outro momento, começar a trabalhar com livros em sala. O primeiro passo é o de mostrar que a leitura tem inúmeros benefícios (como já foram citados) e que ler é algo que nos modifica.

Considerações finais

O PIBID proporciona uma articulação entre teoria e prática que, infelizmente, a graduação insiste em retardar para o fim do curso de licenciatura. Participar desse

projeto é abrir-se para novas expectativas e experiências que visam complementar e melhorar o desempenho e o conhecimento do professor em formação. A ida a campo e o direcionamento recebido no grupo de pesquisa é muito rico e proveitoso.

Estando ativo em grupos de pesquisas o graduando pode buscar melhorias para a sua formação que irão, logicamente, serem refletidas na nossa educação, na nossa escola e no nosso ensino.

A intervenção didática é uma prova, e um fruto, de um trabalho que veio de um aprofundamento teórico, depois de uma observação e por último de um colocar a “mão na massa”. Ali a teoria pode ser, finalmente, colocada em prática e (re)avaliada pelos bolsistas. Temos, assim, uma ótima oportunidade de colocar a escola como objeto fundamental para teorizações e complementar os saberes dos futuros educadores.

Referências:

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. 2003

SOUZA, E.M.F. COELHO, Fernanda de Castro Batista. **Contrapontos entre linguagem e educação: A docência como objeto de discurso**. Vitória da Conquista. 2012

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. 2002.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português deve saber**. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

